

A SEXUALIDADE EM TEMPOS DE COVID-19: O Uso de Mídias Sociais por Homossexuais na Pandemia

Ana Cláudia Bortolozzi¹
Caique Mendes Cordeiro²
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho³

RESUMO

Diante da pandemia da Covid-19, muitos problemas na saúde mental e nos relacionamentos afetivos e sexuais surgiram em decorrência das ações para a prevenção e o controle da doença. A chamada “quarentena” impôs às pessoas uma vida de isolamento social com restrições de contatos com amigos, parentes e vínculos amorosos estáveis ou não. O público homossexual ainda costuma esconder a expressão de seus desejos e vínculos eróticos em uma sociedade preconceituosa, utilizando-se de mídias sociais como alternativas para a busca de parceiros e encontros. Este estudo teve por objetivo investigar a opinião de 72 pessoas homossexuais ou bissexuais sobre o uso de mídias digitais para relacionamentos afetivos e sexuais antes e durante o período de isolamento, devido à prevenção ao contágio da Covid-19, que responderam a um questionário *on line*, para análise quantitativa. Os resultados mostram que a maioria dos/as entrevistados/as afirmou que os relacionamentos antes da pandemia mantiveram-se e houve um aumento da utilização das mídias sociais com seus parceiros/as com fins sexuais. Antes da pandemia o motivo principal do uso de aplicativos de relacionamentos era o de “marcar encontros”, mudando em tal período para a função de “ter com quem falar” ou deixaram de ser usados. Conclui-se que o público LGBTQ+ vivencia maior vulnerabilidade sexual e afetiva no período de isolamento social e profissionais da área da saúde mental devem oferecer mais atenção para essa população.

Palavras-chave: Sexualidade; homossexualidade; mídias sociais; Covid-19.

SEXUALITY DURING COVID-19 TIMES: THE USE OF SOCIAL MEDIAS BY HOMOSSEXUALS DURING PANDEMY

ABSTRACT

In the face of the Covid-19 pandemic, many problems in mental health and emotional and sexual relationships arose as a result of the actions to prevent and to control the disease. The so-called “quarantine” imposed on people a life of social isolation with restrictions on contacts with friends, relatives and love relationships, whether stable or not. The homosexual public still tends to hide the expression of their desires and erotic bonds in a prejudiced society, using social media as alternatives for the search for partners and dates. This study aimed to investigate the opinion of 72 homosexual or bisexual people on the use of digital media for affective and sexual relationships before and during the isolation period, due to the prevention of contagion of Covid-19, who answered a questionnaire *online*, for quantitative analyze. The results show that the majority of the interviewees affirmed that the relationships before the pandemic remained and there was an increase in the use of social media with their partners for sexual purposes. Before the pandemic, the main reason for using relationship apps was to “make dates”, changing in such a period to the function of “have someone to talk to” or they are no longer used. It was conclude that the LGBTQ+ public experience greater sexual and emotional vulnerability during the period of social isolation and professionals in the mental health area should offer more attention to this population.

Keywords: Sexuality; homosexuality; social medias; Covid-19.

ACEITO EM: 19/12/2021

¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo/SP, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0418187005680125>. <https://orcid.org/0000-0003-4796-5451>. claudia.bortolozzi@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo/SP, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6379183266453991>. <https://orcid.org/0000-0003-1556-8398>. caiquemendesc@gmail.com

³ Autora correspondente: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa. Bauru-SP, CEP 17033-360. <http://lattes.cnpq.br/7541981155422408>. <https://orcid.org/0000-0002-8593-7761>. leilane.spadotto@unesp.br

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 surgiu o primeiro alerta sobre o novo coronavírus ou SARS-COV-19. Os trabalhos de Garfin, Silver e Holman (2020), Croda e Garcia (2020) e Estrada e Koutronas (2020) explicam que inicialmente associado a um surto de pneumonia em Wuhan, na China, esse patógeno se espalhou pelo mundo. Agora chamado de Covid-19 é a pandemia que todos os países estão combatendo em conjunto (ESTRADA; KOUTRONAS, 2020; WHO, 2020a).

O que chama a atenção e diferencia essa pandemia de outras é o tempo de incubação do vírus (que varia entre 5 e 6 dias), podendo aparecer os primeiros sintomas em até 14 dias e o fato de que pacientes recuperados podem voltar a se infectar (NAPIMOGA; FREITAS, 2020; MANANDHAR; NAKARMI; BANIYA, 2020). Embora a sua taxa de letalidade seja baixa, seu índice de contágio é alto, podendo infectar muitas pessoas, fazendo assim com que os sistemas de saúde colapsem (NAPIMOGA, FREITAS, 2020; MANANDHAR, NAKARMI, BANIYA, 2020).

Até o momento da escrita deste artigo, ainda não havia sido liberada a vacinação para a população. Recomendações de proteções individuais foram divulgadas, como lavar as mãos com água e sabão, cobrir o rosto ao espirrar, usar máscaras e fazer isolamento social (BRASIL, 2020; WHO, 2020a). Em vários países foram adotadas medidas rígidas de distanciamento e isolamento social, como o fechamento de fronteiras, a obrigatoriedade de ficar em casa (*lockdown*), a proibição de eventos e fechamento de comércios, além das tomadas de decisão sobre o sistema de saúde, como a construção de hospitais de campanha e o aumento de leitos para o atendimento emergencial e de terapia intensiva, tentando evitar um colapso (BBC, 2020; MANANDHAR; NAKARMI; BANIYA, 2020).

Todas as questões sobre o risco de contaminação, sobretudo com a divulgação ampla sobre a Covid-19 nas mídias, geram um volume excessivo de informações que podem levar a um sentimento de pânico generalizado, causando nas pessoas ansiedade e estresse (GARFIN; SILVER; HOLMAN, 2020). Cullen, Gulati e Kelly (2020, p. 2) afirmam que “as reações psicológicas às pandemias incluem comportamentos desadaptativos, sofrimento emocional e respostas defensivas”.

Isso ressalta a importância sobre as consequências sociais e emocionais, as quais geralmente não são consideradas em avaliações de risco (ESTRADA; KOUTRONAS, 2020) como na situação atual e principalmente em longo prazo, uma vez que situações de instabilidade social e imprevisibilidade futura envolvem múltiplos fatores sobre a vida humana e um desses aspectos, importante e inerente a todos os seres humanos, é a sexualidade, compreendida em seu sentido amplo, que engloba a afetividade e o estabelecimentos de vínculos.

Vivemos atualmente na era pós-moderna, que tem como valor principal o tribalismo (diferenciação em grupos), caracterizado pelo compartilhamento, enquanto na idade moderna a principal marca é o individualismo. Isso quer dizer que não basta estar só, mas sim compartilhar todas as conquistas com outros membros da sociedade (SCHROEDER; ABREU; 2020). O sujeito pós-moderno é aquele que é fragmentado e pode desempenhar diversos papéis. Com o advento da Internet, o usuário performa

essa subjetividade porque esse espaço permite uma individualidade mais flexível e múltipla, podendo se “autoinventar” ou até mesmo enganar, trazendo informações falsas de si mesmo (ILLOUZ, 2011).

Atualmente a Internet é um espaço no qual cada vez mais as pessoas se relacionam, podendo ter o propósito de achar um(a) parceiro(a) para uma relação (DROUIN; LANDGRAFF, 2011). Para Illouz (2011, p. 115), os *sites* de relacionamentos são caracterizados principalmente por vender uma escolha perfeita de um(a) parceiro(a) totalmente pensado para o usuário e o “trabalho de apresentação pessoal encenado através da Internet (...) não é orientado para um indivíduo concreto e específico, mas para um público geral de candidatos abstratos e desconhecidos”.

Aplicativos como o *Tinder* só permitem a conversa após o *match* feito por interesse em fatos e descrição do perfil, observando-se que tais informações podem ser filtradas ou melhoradas com extensões em outras redes sociais e com a versão paga (TINDER, 2020). Esse encontro virtual entre duas pessoas não é selecionado pelo usuário, mas sim orientado e escolhido por um algoritmo. A conversa dentro desses meios é um discurso similar a um roteiro, com finalidade de fazer perguntas para extrair mais informações, que seguindo a lógica de produção capitalista, é para maximizar o tempo e a eficiência, seguindo o imperativo desta lógica de oferta e procura em que todos competem com todos para achar o parceiro ideal (ILLOUZ, 2011).

Essa lógica em relações dentro de aplicativos e *sites* de relacionamentos fala de uma nova forma de economia do desejo, a qual está intimamente ligada com uma lógica mercadológica (PELUCIO, 2017).

A Internet não mudou somente a forma de se relacionar, mas também o modo de se comportar sexualmente, que envolve desde a comunicação por mensagem de maneiras sexualmente sugestivas, chamada de *sexting*, a qual pode envolver o envio de imagens também sexualmente sugestivas, explícitas ou não, chamada *nudes*, que podem ser tanto solicitadas ou não solicitadas (MARCH; WAGSTAFF, 2017; DROUIN, LANDGRAFF, 2011).

Os poucos estudos sobre esse tipo de interação mostram que tanto adolescentes entre 13 e 19 anos (20%), quanto adultos entre 20 e 26 anos (30%) já fizeram *sexting* e enviaram *nudes* (DROUIN; LANDGRAFF, 2011; MARCH; WAGSTAFF, 2017). Podemos afirmar, todavia, que há um aumento gradativo ao longo dos anos, embora seja ainda um assunto de difícil mensuração (DROUIN; LANDGRAFF, 2011). Também apontam que alguns casais mantêm esse tipo de comunicação, assim como pessoas que se desconhecem, observando-se que no primeiro caso o desejo é de manter perto seu(a) parceiro(a), assim como um certo medo de ser abandonado (MARCH; WAGSTAFF, 2017).

March e Wagstaff (2017) destacam que os primeiros estudos sobre *sexting* e *nudes* mostraram que esses eram tratados como “comportamentos sexuais desviantes”, pois “enviar imagens explícitas não solicitadas” era esperado de pessoas com traços psiquiátricos (particularmente de psicopatas e sádicos), que seriam as mais inclinadas a se engajarem nesses comportamentos. Bonilla, Mcginley e Lamb (2020), entretanto, afirmam ser o *sexting* algo comum do comportamento sexual na atualidade, principalmente entre jovens adultos e que essa prática deve ser analisada a partir de várias questões: consentimento, objetificação, autonomia, poder, gênero e desejo sexual.

O gênero é um fator importante para ser considerado, uma vez que os estudos mostram que homens mandam mais *nudes* não solicitados do que as mulheres, e elas ainda pensam mais nas consequências pessoais depois do envio, variando em sentimentos de vergonha, rejeição e medo de julgamentos sociais (DROUIN; LANDGRAFF, 2011; BONILLA; MCGINLEY, LAMB, 2020). Isso é entendido também quando o conteúdo é divulgado sem consentimento, uma vez que os homens são vistos como “predadores sexuais” e mulheres como “promíscuas”, havendo uma diferença enorme de como a sociedade e o círculo social pessoal tratam o vazamento desse tipo de imagem (BONILLA; MCGINLEY; LAMB, 2020). Em relações já existentes, o uso do *sexting* para reassegurar a confiança de que o(a) parceiro(a) está sentimentalmente envolvido no relacionamento ou quando o casal está vivendo a distância, ou ainda para “apimentar” a relação e manter o desejo com esse(a), revelando-se essa última prática mais comum em relacionamentos mais casuais (DROUIN; LANDGRAFF, 2011; BONILLA; MCGINLEY; LAMB, 2020).

Quanto aos *sites* de relacionamentos, há vários tipos no mercado, para heterossexuais e para o público homossexual masculino; aplicativos como *Grindr*, *Scruff*, *Hornet* são exclusivos para homens *gays* (BIRNHOLTZ, 2018). Como qualquer outro aplicativo, na exposição de si mesmo no mercado do relacionamento, o sujeito pode se autoinventar na Internet e essa lógica vai ao encontro do que é esteticamente apreciável na sociedade, destacando-se que os perfis mais cobiçados são aqueles que apresentam a beleza padrão (ILLOUZ, 2011).

Essa “ética da estética” aparece em aplicativos de relacionamento *gay* em fotos de peitos expostos, volume entre as pernas e muitas vezes sem aparecer o rosto. Esses perfis ainda têm descrições de apresentações que seguem uma lógica hegemônica de masculinidade, em que o homem deve ser viril, forte, “macho”, e tentando se manter distante do que foge da norma social, como “discreto” ou “heterossexual curioso” (MAIA; BIANCHI, 2014; PELUCIO, 2017).

Para Bonilla, Mcginley e Lamb (2020), dentro da comunidade *gay*, homens fazem uso do *sexting* com normalidade e casualidade, ressaltando-se que os indivíduos entrevistados em sua pesquisa consideravam o ato de buscar por sexo algo casual e normal. Importante destacar que embora isso seja encontrado comumente nesses aplicativos, não são todos que seguem esse discurso. Há também perfis que exibem fotos de rosto, buscam relacionamentos sérios ou apenas conversar (MAIA; BIANCHI, 2014).

Além disso, há os homens *gays* que fogem do padrão estético, sendo apresentados já com um discurso de reafirmação de fugir desse modelo e colocando os usuários “discretos” em tom de piada (BAPTISTA, 2018; ALENCAR, 2017). Esses agrupamentos são entendidos como tribos de homens *gays*, o que é comum na comunidade e nesses aplicativos (dado que é possível filtrar quem se deseja ver por meio das tribos que o usuário seleciona). Tais comportamentos, porém, reforçam intolerâncias e estigmas “pelos próprios indivíduos que compartilham da segregação instituída pela camada opressora, fruto da masculinidade hegemônica, frente a homossexualidade (BAPTISTA, 2018, p. 75).

Essas interações não estão restritas somente a *sites* ou aplicativos voltados para relacionamentos. No estudo de Birnholtz (2018) foram entrevistados jovens *gays* ou bissexuais entre 15 e 25 anos que tinham uma conta pública no *Instagram*, perguntando se postariam fotos sem camisa, uma vez que o compartilhamento de fotos sem camisa seria uma forma efetiva de conseguir seguidores em redes sociais como o *Instagram*, e assim conseguir uma validação. Por isso tantos jovens são atraídos a apresentarem esse tipo de comportamento. Uma parte dos participantes disse que tem consciência do tipo de público do seu *Instagram*, utilizando uma plataforma para levar uma mensagem sobre engajamento político, então percebiam que postar foto sem camisa tiraria sua credibilidade. Ou seja, parece que as pessoas entendem que postar fotos sem camisa tem uma finalidade sexualmente sugestiva na mídia social e não o fariam, só por estarem dentro dessas mídias.

Logo, há diversos tipos de masculinidades dentro dos *sites* de relacionamentos *gays* ou mídias sociais no geral, que podem ser vividas de diversas maneiras com características específicas. Essas múltiplas masculinidades podem coexistir para o usuário, sobressaindo uma, aquela que o indivíduo representa dentro de aplicativos (BAPTISTA, 2018).

Sabendo então que a socialização se realiza entre indivíduos, podendo se dar de diferentes maneiras e orientada por diversos interesses, o espaço em que as pessoas transitam molda essas relações, fazendo-as compartilhar emoções, experiências e simbolizações (MAIA; BIANCHI, 2014).

As tecnologias não existem em um mundo paralelo ou antagônico à realidade, tendo uma relação íntima com o contexto do usuário, refletindo relações sociais como classe, gênero, sexualidade, aspectos geracionais e educacionais, etc., organizadas dentro do espaço social, articulando-se e operando de maneira contínua (PELÚCIO, 2017; FACIOLI, PADILHA, 2018). Então, em redes sociais há relações com laços complexos, em que os sujeitos se apresentam de diferentes maneiras, em distintos espaços e sistemas, podendo, então, ser orientados pela ideia do uso de mídias sociais como suportes para a sociabilidade (MAIA; BIANCHI, 2014).

Durante uma crise de saúde pública é essencial levar a informação para a população, entretanto o volume de informações nas mais variadas mídias, aliado às notícias falsas, geram altos índices de estresse (GARFIN; SILVER; HOLMAN, 2020; JONES *et al.*, 2017) e esse cenário faz com que o apoio social mútuo seja importante, não só para reduzir essa sintomatologia negativa, como também para adaptação a um quadro pós-pandemia (SALTZMAN; HANSEL; BORDNICK, 2020).

Usar as tecnologias é importante para criar resiliência ao estresse e também para gerar e manter vínculos com outras pessoas, bem como compartilhar as experiências de isolamento. Também são necessários, entretanto, estudos de como as mídias sociais estão impactando realmente as pessoas durante a pandemia. Como a sexualidade está sendo vivenciada por meio do virtual na pandemia, seja em *sexting*, seja em *nudes*, em aplicativos, *sites* de relacionamentos ou redes sociais?

Além disso, pensando que muitos LGBTQ+ jovens são vítimas de preconceito dentro da casa, podendo não exercer sua orientação sexual livremente, além da literatura já mostrar índices quantitativos de jovens dessa comunidade que são

rejeitados, que têm demandas específicas sobre saúde mental, altos índices de suicídios e sintomas de ansiedade, depressão e estresse (SALERNO; WILLIANS; GATTAMORTA, 2020), como vivem o isolamento social e/ou utilizam as tecnologias digitais nesse período de quarentena?

Para responder a essas perguntas de pesquisa, propusemos este estudo que teve por *objetivo geral* investigar a opinião de homens e mulheres homossexuais/bissexuais sobre o uso de mídias digitais para relacionamentos afetivos e sexuais antes e durante o isolamento social (quarentena) devido à prevenção ao contágio do Covid-19. E os *objetivos específicos* foram (a) analisar se houve adaptação ou mudança dos espaços para encontros amorosos/sexuais e (b) verificar possíveis mudanças na frequência do uso de mídias para vivência da sexualidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa tipo descritiva-exploratória, cuja análise dos fenômenos ocorre *ex post facto*, sem interferência de variáveis (BORTOLOZZI, 2020; FLICK, 2009) e que foi previamente aprovada pela Comissão de Ética de uma universidade pública (Parecer nº 4131101).

Foram 72 participantes que atendiam os critérios de inclusão: assumir uma orientação sexual homossexual/bissexual e estar em boas condições psicológicas, sem quadros psiquiátricos ativos, configurando-se em uma amostra não probabilística e intencional (FLICK, 2009).

Nem todas as pessoas declararam o sexo biológico: 28 (38,9%) relataram serem homens, 13 (18%) mulheres e 30 (41,6%) pessoas não identificaram o gênero. A maior parte da idade concentrou o intervalo de 18 a 25 anos (n=65/90,3%), sendo que desses, 12 (16,6%) pessoas tinham 23 anos; apenas 7 (9,7%) pessoas tinham 26 anos ou mais. Desses(as), 39 (54,2%) se declararam bissexuais, 24 (33,3%) se revelaram *gays*, 8 (11,1%) lésbicas, uma pansexual e uma pessoa fluída (2,7%).

No momento da quarentena pela pandemia de Covid-19 e o isolamento social, 26 (36,1%) pessoas afirmaram residir com “mais três pessoas”, 24 (33,3%) dividiam a casa com “mais duas pessoas”, 10 (13,9%) com “mais uma pessoa”, 6 (8,3%) com “quatro ou mais pessoas” e apenas 7 (9,7%) assinalaram que moravam sozinhos(as) nesse período. Sobre o local citado, 52 pessoas (72,2%) afirmaram que estavam na casa dos pais/responsáveis, 16 (22,2%) disseram estar na cidade onde estudam, 3 (4,2%) responderam estar na cidade em que trabalham e 2 (2,7%) afirmaram passar parte na cidade dos pais e outra parte na cidade em que estudam.

Para a coleta de dados utilizou-se um questionário com questões fechadas e semiabertas, elaborado em formato *Google Form* pelos autores; continha 16 questões organizadas em eixos, atendendo aos objetivos, e foi testado em sua funcionalidade em situação-piloto antes de chegar ao modelo final. Havia um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assegurar a participação voluntária no estudo, resguardando os direitos éticos dos(as) participantes, que antecedia o acesso ao questionário. O preenchimento do questionário teve um tempo médio de 15 minutos.

O recrutamento dos(as) participantes foi feito pela técnica de “bola de neve” (*Snowbol*), com indicação pessoal intragrupos (FLICK, 2009). O convite para a pesquisa e o acesso ao questionário foi feito por meio de *e-mail*, enviado para algumas pessoas conhecidas, assumidamente LGBTQ+s, que recebiam instrução de repassar a quem julgassem preencher os critérios de inclusão. O tempo estipulado para a coleta de dados foi todo o mês de junho e encerrado esse período, obtivemos o retorno de um total de 72 participantes.

Para a análise dos dados quantitativos utilizou-se da análise estatística não paramétrica. As questões cujas respostas implicavam justificativas e havia relatos, foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), que previa as seguintes fases: leitura flutuante e exaustiva do material, pré-análise por similaridade, organização dos relatos em categorias temáticas mutuamente exclusivas, interpretação e análise dos dados (BORTOLOZZI, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vínculos e relacionamentos antes e durante a quarentena pela pandemia

A maioria dos participantes era solteiro(a) e não tinha um relacionamento com alguém antes do isolamento, 38 (52,8%), observando-se que desses solteiros(as) somente 4 (5,5%) pessoas terminaram o relacionamento durante a quarentena. Entre os(as) que já tinham, 26 (36,1%) dos(as) participantes mantiveram-se nesse relacionamento e 4 (5,5%) já tinham, mas romperam no período do isolamento social. Oito (11,1%) dos(as) participantes iniciaram um relacionamento enquanto estavam na quarentena. Esses dados encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados sobre os relacionamentos amorosos/sexuais dos(as) participantes

Tipo de vínculo da pessoa	O que ocorreu na quarentena em relação ao relacionamento	(%) de Respostas
Em um relacionamento	Já existia e se manteve no isolamento social	36,1%
	Iniciou-se durante o isolamento social	11,1%
Sem relacionamento/ Solteiro(a)	Não existia antes do isolamento	52,8%
	Existia antes do isolamento, mas terminou	5,5%

Fonte: Os autores.

Para avaliar o contato dos(as) participantes com seu(s)/sua(s) parceiro(s)/a(s) durante o período de isolamento social, foi questionada a frequência com a qual se encontravam pessoalmente, uma vez que 39 (54,2%) dos(as) participantes eram solteiros e a maioria representada por 22 dos(as) participantes (30,5%), que mantêm um relacionamento, tiveram pouco ou nenhum contato com o(s)/a(s) parceiro(s)/a(s) durante a quarentena. A minoria de 4,2% (3 respostas) indicou que viram “às vezes” e 9 participantes (12,5%) indicaram que moravam ou estavam passando juntos este período.

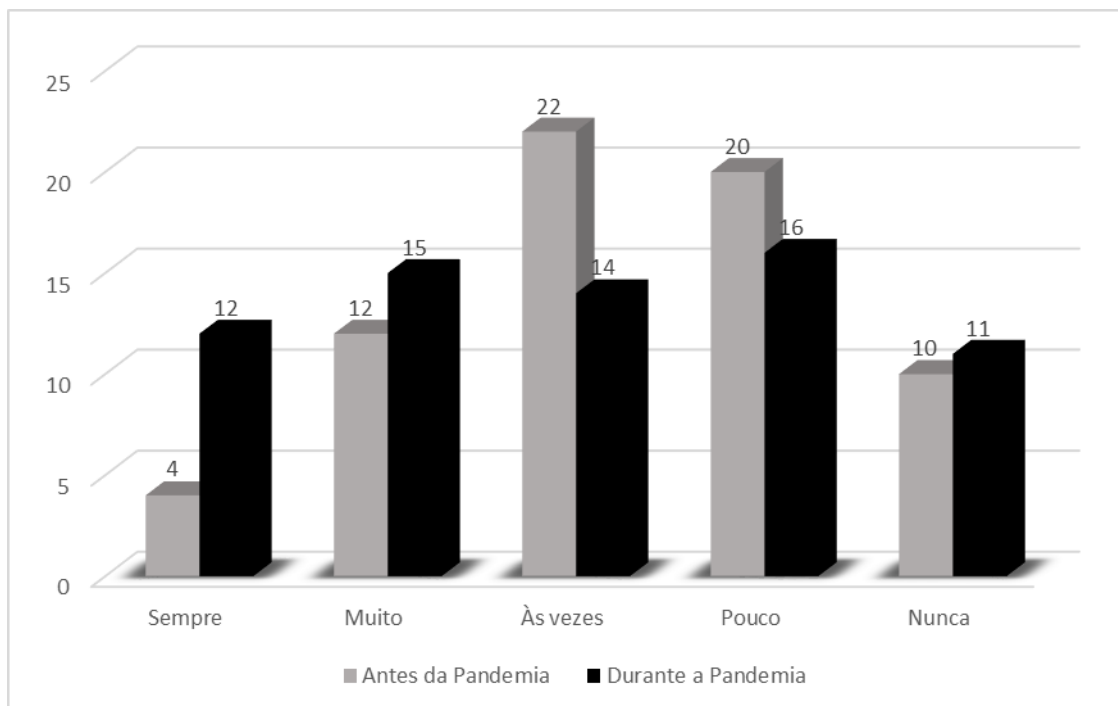
Embora os contextos sejam diferentes, uma vez que vivemos em uma pandemia, esses dados corroboram os de Bonilla, Mcginley e Lamb (2020), que verificam que em relações já existentes e a distância, o uso de mídias sociais com intuito sexual serve como manutenção do relacionamento e reafirmação de afetividade do(a) parceiro(a), superação de barreiras que pode haver para o sexo presencial, como haver outras pessoas em casa, por exemplo, o que, no caso em estudo, seria causado pelas pessoas convivendo no mesmo espaço pelo contexto pandêmico/de isolamento social.

Uso de mídias sociais para relacionamentos sexuais

A frequência da utilização de mídias sociais (fotos e/ou vídeos) com intuito sexual (*nudes*, *sexcall*, *sexting*, etc.) com parceiro(s)/parceira(s) ou outras pessoas (como “ficantes”, paqueras, etc.), relatada pelos(as) participantes destaca um aumento para a frequência “sempre” de 4 (5,5%) para 12 (16,6%) *antes e/ou durante* o período de isolamento social. Também houve um aumento naqueles que assinalaram “muito” sobre o uso de mídias para esse fim, indo de 12 (16,6%) para 15 (20,8%) participantes.

Uma queda foi observada de 22 pessoas (30,5%) antes para 14 (19,4%) durante o isolamento que responderam “às vezes” e de 20 (27,8%) antes para 16 (22,2%) durante o isolamento em pessoas que disseram “pouco” usar as mídias com essa finalidade (Figura 1).

Figura 1 – Frequência de utilização de mídias sociais para relacionamentos antes e durante a quarentena



Fonte: Os autores.

Pode-se afirmar que, somando o uso frequente “sempre” e “muito”, os(as) participantes usavam com frequência as mídias digitais para fins sexuais antes da pandemia, indo de 16 (22,2%) para 27 (37,5%).

A respeito das mudanças do uso desses recursos tecnológicos com fins eróticos durante o período de isolamento, 33 (45,8%) participantes assinalaram que houve um “aumento”, 19 (26,4%) que o uso se “manteve igual”, 12 (16,6%) apontaram que o uso “diminuiu” e 7 (9,7%) assinalaram que “não utilizam” esses tipos de recursos com essa finalidade. Já sobre o uso de mídias sociais – redes sociais e/ou outras plataformas – com intuito sexual, 52 (72,2%) participantes disseram que “faziam uso antes da quarentena e permaneceram durante a mesma”; 5 (6,9%) assinalaram que só “faziam uso antes da quarentena”; 4 (5,5%) disseram que “começaram a fazer o uso durante o período da quarentena” e 12 (16,6%) responderam que “nunca utilizaram mídias sociais para esse fim”.

Por fim, sobre o envio de *nudes* durante a quarentena, por meio de qualquer plataforma, os resultados apontaram que 26 (36,1%) participantes afirmaram que o envio de *nudes* aumentou; 11 (15,3%) que o envio diminuiu e 9 (12,5%) que o envio de *nudes* parou durante a quarentena.

Podemos supor que o aumento no uso desses recursos, seja com parceiros(as) fixos(as) ou outros(as) pessoas ocorreu devido ao isolamento social, que faz as pessoas buscarem interações sexuais por outros meios, o que também foi observado por Pelúcio (2017), Facioli e Padilha (2018), que discorrem sobre como as tecnologias não existem paralelas à sociedade e ao momento histórico, e sim refletem todo o local social que os indivíduos ocupam, bem como suas realidades, classe e gênero.

Para Maia e Bianchi (2014), o fato de a socialização poder ocorrer de diferentes maneiras – com o espaço que as pessoas transitam constituindo um fator que molda essas relações – compartilhando emoções e experiências, o que se nota com os dados, uma vez que os espaços físicos estão limitados, é que as pessoas se voltam para os espaços digitais para compartilhar experiências, com as mídias sociais sendo um suporte da sociabilidade e isso afeta a sexualidade também.

Para visualizar melhor como ocorreu o uso das mídias para fins sexuais durante a quarentena pelos(as) participantes, elegemos apenas esses(as) usuários(as) e fizemos um recorte entre os(as) mesmos(as), distribuindo-os entre suas orientações sexuais declaradas: grupos de bissexuais, *gays*, lésbicas e pansexuais/fluídas. Na Tabela 2 encontram-se os dados apenas de quem faz uso das mídias, ressaltando-se que o número de pessoas em cada grupo não é homogêneo, por isso distribuimos suas respostas apenas em porcentagem a título de visualização da frequência do uso da mídia para fins sexuais durante a quarentena.

Tabela 2 – Frequência das mídias sociais com motivação sexual, por agrupamentos de pessoas pela orientação sexual

Orientação sexual	Frequência do uso de mídias com motivação sexual			
	Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	Não usou mais
Bissexuais	58%	55%	44%	56%
Gays	35%	45%	39%	11%
Lésbica	4%	0%	17%	33%
Pan/fluída	4%	9%	0%	0%

Fonte: Os autores.

Entre os bissexuais, os dados distribuíram-se de modo muito parecido. Grande parte deixou de usar (56%), outra permaneceu usando da mesma forma (44%), outra diminuiu (55%) e outra aumentou seu uso (58%), citando o envio de *nudes* e *sexting*. Já entre os *gays*, poucos deixaram de usar (11%), mas muitos diminuíram o uso (45%); outros permaneceram usando da mesma forma (39%) e os demais aumentaram seu uso (35%), também citando *nudes* e *sexting*. Bonilla, Mcginley e Lamb (2020) afirmam que esse tipo de interação por mídias sociais é algo casual e comum por parte de homens *gays* e bissexuais.

Entre o grupo das lésbicas, os dados mostram que em primeiro lugar seu uso já era mais baixo que o de outros grupos e muitas deixaram de usar (33%) ou permaneceram usando da mesma forma (17%), mas o uso aumentou muito pouco (4%), se comparado ao público *gay* ou bissexual. Isso mostra que as participantes lésbicas declararam que no período da quarentena deixaram de usar as mídias sociais com finalidades sexuais. Isso pode ser explicado com o estudo de Drouin e Landgraff (2011), que afirmam que o gênero é um importante fator quando falamos em interação digital, uma vez que as mulheres pensam mais nas consequências pessoais ao enviarem mensagens sexuais pela Internet e se preocupam com sentimentos e julgamentos.

Os tipos de aplicativos utilizados pelo público homossexual/bissexual

Nove (12,5%) participantes disseram que utilizam aplicativos de relacionamentos para a busca de pares amorosos, 40 (55,5%) que utilizam “às vezes” e 23 (31,9%) que “nunca” utilizaram tais aplicativos.

Por uma questão metodológica decidiu-se separar nas seguintes categorias os aplicativos: (a) aplicativos de relacionamento sem um público específico, como *tinder* e *poppin*; (b) aplicativos de relacionamento voltados para o público masculino como *hornet*, *grindr*, *scruff*; (c) pessoas que utilizavam aplicativos de ambas as categorias (a), (b) e (d) pessoas que utilizavam esses aplicativos mais outros *sites* e/ou redes sociais para fins eróticos. (Tabela 3).

Tabela 3 – Os tipos aplicativos utilizados pelo público homossexual

Tipos de aplicativos	Exemplos	Nº	%
Aplicativos sem um público específico	Tinder/Poppin	10	40%
Aplicativos com um público específico (masculino-gay)	Hornet/Grindr/Scruff	3	12%
Aplicativos de ambas categorias supra: sem público específico e também específico	Tinder/Poppin/Hornet/Grindr/Scruff;	10	40%
Todos os citados anteriormente e outros	Apps, Omegle, Instagram	2	8%

Fonte: Os autores.

É possível perceber que a maioria dos usuários utiliza aplicativos (app) de relacionamentos direcionados ao público em geral e combinam o uso desse tipo de app destinado ao público masculino que se relaciona homoafetivamente. Somente 3 (4,2%) pessoas disseram utilizar estritamente apps com o público demarcado, seguido

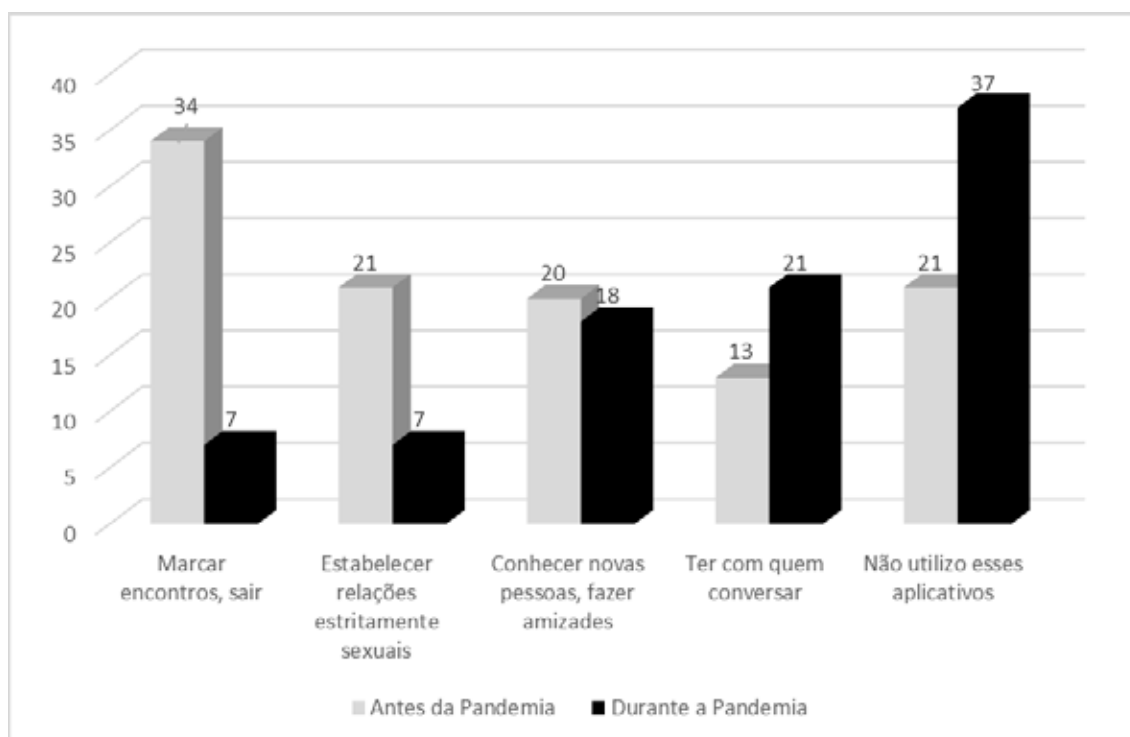
de duas pessoas (2,7%) que disseram usar todos os apps, além de outros *sites* de relacionamento, como *Omegle* e redes sociais que não têm como fim conhecer pessoas para fins eróticos (como o *Instagram*).

Motivos do uso de aplicativos antes e durante a quarentena pela pandemia

Trinta e quatro participantes (47,2%) relataram que os motivos para usarem os aplicativos antes da quarentena eram “marcar encontros e sair”, 21 (29,2%) disseram que era para “estabelecer relações estritamente sexuais”; 20 (27,8%) para “conhecer pessoas e fazer amizades”. No campo afetivo, 17 (23,6%) pessoas assumiram que procuram nos aplicativos “estabelecer possíveis relações afetivas” e 13 (18%) participantes relataram que o uso objetivava conhecer/ter “alguém com quem conversar”. É importante ressaltar que 21 (29,2%) participantes assinalaram que não utilizavam esses aplicativos e outros que apenas utilizam por “outro motivo”, sem especificar qual seria.

O uso desses aplicativos durante a quarentena sofreu alterações, segundo as respostas dos(as) participantes, observando-se que o fato de “marcar encontros e sair” caiu de 34 (47,2%) participantes para 7 (9,7%); “estabelecer relações estritamente sexuais” também caiu de 21 (29,2%) para 7 (9,7%). Já o motivo de “conhecer novas pessoas, fazer amizades” caiu de 20 para 18 (25%) participantes; também caiu o motivo de “estabelecer possíveis relações afetivas” para 7 (9,7%) respostas. O único motivo que houve um aumento foi o de “ter com quem conversar”, assinalado por 21 (29,2%) participantes. Houve também uma queda significativa em pessoas que deixaram de utilizar os aplicativos, com 37 (51,4%) respostas e também 1 (1,4%) resposta assinalada em “outro motivo”, mas não especificado. (Dados na Figura 2)

Figura 2 – Finalidades de uso de aplicativos antes e durante a pandemia



Fonte: Os autores.

É possível perceber comparando os dados que a única categoria que sofreu um aumento no período da quarentena foi a justificava do uso dos aplicativos para “conversar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar as prática sexuais nunca é uma tarefa tranquila, especialmente quando se trata de questões que envolvem a intimidade, a subjetividade, o sigilo, como é o caso do uso de aplicativos que, em tese, existem inclusive para garantir a comunicação entre as pessoas de modo virtual e mais reservado. Os relatos que obtivemos foram espontâneos e voluntários, por meio de questionários anônimos, mas evidentemente, retrata o que nossos(as) participantes dizem que fazem e não, evidentemente, o que de fato fazem. Isso, contudo, é um limite que quem trabalha com pesquisas na área das Ciências Humanas, especialmente no campo da sexualidade, deve sempre considerar.

De qualquer forma, o importante aqui é esclarecer que não se trata de conhecer os hábitos individuais sobre as práticas sexuais do público LGBTQ+ nas mídias digitais como uma curiosidade dos pesquisadores, mas sim compreender o quanto o cenário atual de pandemia e de isolamento social pode trazer modificações nas maneiras como as relações interpessoais e afetivas ocorrem entre as pessoas, sobretudo entre aquelas que fazem uso das mídias digitais como uma alternativa de sobrevivência a uma sociedade homofóbica/bifóbica.

Nossos dados mostraram que o uso de mídias para relacionamentos teve um relativo aumento durante o isolamento vivido pela pandemia da Covid-19, assim como o engajamento em relacionamentos, principalmente em relacionamentos monogâmicos, em que também se verificou um aumento do uso desses recursos para fins sexuais. Do mesmo modo, como uma alternativa de manter a comunicação com relacionamentos, seja pela distância ou pela dificuldade de privacidade em casa, fez com que o envio de *nudes* aumentasse durante o período de isolamento, seja nas relações que já existiam ou nas que ocorreram de maneira casual.

Estudos futuros poderiam aprofundar questões que foram levantadas nos resultados e que não aprofundamos nas análises, por exemplo, as relações de gênero que influenciam o uso das mídias digitais, envio de *nudes* solicitados e não solicitados, a falta de app para mulheres lésbicas, o consumo de pornografia, etc.

Espera-se, com os resultados, divulgar elementos empíricos para argumentar sobre a necessidade de oferecer atenção específica ao público LGBTQ+, geralmente mais vulnerável às situações de depressão, angústia e sofrimento diante de imposições sociais de invisibilidade e exclusão, ainda mais acirradas em contextos de isolamento social, sexual e afetivo. Por isso defendemos que profissionais da área da saúde devem propor programas de educação sexual, intervenção ou atenção à saúde, para atendimento e acolhimento na discussão sobre sexualidade no contexto de isolamento social para essa população.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, V. Resistência a padrões e normas em aplicativos de encontros gays. *Interfacis*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 57-70, 2017. Disponível em: <http://facisaead.com.br/ojs/index.php/interfacis/article/view/93>. Acesso em: 17 jun. 2020.

- BAPTISTA, R. F. Masculinidades em aplicativos de encontros gays: análise da negociação das masculinidades e da auto-representação dos corpos. *Áskesis*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 68-78, jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/284>. Acesso em: 16 jun. 2020.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução L. A. Reto e A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BBC. *New Zealand lifts all Covid restrictions, declaring the nation virus-free*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-52961539>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- BIRNHOLTZ, J. I don't want to seem trashy: exploring context and self-presentation through young gay and bisexual males' attitudes toward shirtless selfies on instagram. *MobileHCI '18: Proceedings of the 20th International Conference on Human-Computer Interaction with Mobile Devices and Services*, p. 1-12, set. 2018. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3229434.3229460>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- BONILLA, S.; MCGINLEY, M.; LAMB, S. Sexting, power, and patriarchy: Narratives of sexting from a college population. *New Media & Society*, Boston, mar./2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444820909517>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- BORTOLOZZI, A. C. *Questionário e entrevistas na pesquisa qualitativa – elaboração, aplicação e análise de conteúdo*. Manual Didático. São Carlos: Pedro & João, 2020.
- BRASIL. Secretaria de Estado da Saúde. *Plano de contingência para epidemia da doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19)*. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/13/Plano-de-Contingencia-Coronavirus10-DF.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- CONNELLI, R. W.; MESSERSCHMIDTII, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBkdxV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2020.
- CRODA, J. H. R.; GARCIA, L. P. Resposta imediata da vigilância em saúde à epidemia da Covid-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 1-3, mar. 2020.
- CULLEN, W.; GULATI, G.; KELLY, B. D. Mental health in the COVID-19 pandemic. *QJM*, Dublin, v. 113, n. 5, p. 311-312, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/qjmed/hcaa110>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- DROUIN, M.; LANDGRAFF, C. Texting, sexting, and attachment in college students' romantic relationships. *Computers in Human Behavior*, Indiana, v. 28, n. 2, p. 444-449, nov. 2011. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563211002329>. Acesso em: 16 jun. 2020.
- ESTRADA, M. A. R.; KOUTRONAS, E. The Application of the 2019-nCoV Global Economic Impact Simulator (the 2019-nCoV-GEI-Simulator) in China. *SSRN*, p. 1-15, fev. 2020. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3542817>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- FACIOLI, L.; PADILHA, F. O desejo da metropole: gênero, sexualidade e mídias digitais em espaços urbanos. *Periodicus*, Salvador, v. 1, n. 9, p. 377-399, out. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v1i9.23955>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- GARFIN, D. R.; SILVER, R. C.; HOLMAN, A. The novel coronavirus (Covid-2019) outbreak: Amplification of public health consequences by media exposure. *Health Psychology*, California, v. 39, n. 5, p. 355-357, mar./2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/hea0000875>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- ILLOUZ, E. O amor nos tempos do capitalismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 107-163.
- JONES, N. *et al.* Distress and rumor exposure on social media during a campus lockdown. *PNAS*, California, v. 114, n. 44, p. 11.663-11.668, jun. 2017. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/pnas/114/44/11663.full.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- MAIA, J.; BIANCHI, E. Tecnologia de Geolocalização: Grindr e Scruff redes geosociais gays. *Logos: Comunicação e Universidade*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2014.14157>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- MANANDHAR, S.; NAKARMI, P.; BANIIYA, N. A Novel Coronavirus Emerging in World: Key Questions for Developing Countries and Under Developed Countries. *North American Academic Research*, v. 3, n. 2, p. 473-497, fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3690311>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- MARCH, E.; WAGSTAFF, D. L. Sending Nudes: Sex, Self-Rated Mate Value, and Trait Machiavellianism Predict Sending Unsolicited Explicit Images. *Frontiers in Psychology*, Ballarat, v. 8, n. 2210, dez. 2017. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2017.02210>. Acesso em: 16 jun. 2020.

NAPIMOGA, M. H.; FREITAS, A. R. R. D. Odontologia vs Síndrome Respiratória Aguda Severa Coronavírus 2: como enfrentar o inimigo. *RGO – Revista Gaúcha de Odontologia*, Campinas, v. 68, n. 20200011, mar. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-86372020000100700&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2020.

PELÚCIO, L. *Amor em tempos de aplicativo: masculinidades heterossexuais e a negociação de afetos da nova economia do desejo*. 2017. Tese (Livre Docência). Bauru, out. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154656/000901352.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SALERNO, J. P.; WILLIAMS, N.; GATTAMORTA, K. LGBTQ populations: Psychologically vulnerable communities in the COVID-19 pandemic. *Psychological Trauma*, Maryland, maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.1037/tra0000837>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SALTZMAN, L.; HANSEL, T.; BORDNICK, P. Loneliness, isolation, and social support factors in post-COVID-19 mental health. *Psychological Trauma*, New Orleans, v. 1, n. 11, p. 11-122, maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/tra0000703>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SCHROEDER, T. M. R.; ABREU, C. B. D. M. Jovens e violência: um estudo sobre comentários de notícias no Facebook. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 40, n. 110, p. 97-108, abr. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622020000100097&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 jun. 2020.

TINDER. *Política de privacidade*. Disponível em: <https://policies.tinder.com/privacy/intl/pt>. Acesso em: 16 jun. 2020.

WHO. World Health Organization. *Coronavirus disease 2019 (COVID-19) Dashboard*. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 13 jun. 2020a.

WHO. World Health Organization. *Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV)*. Disponível em: [https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emer](https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emer)

gency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov). Acesso em: 13 jun. 2020b.